

ESPIRITO DO SECULO XIX.

PELO

Dr. Olineira Bella.

OR.
901
048c



TYPOGRAPHIA NACIONAL

1874.

CONFERENCIA PUBLICA

NA

ESCOLA DA GLORIA

PELO

Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.

DR
901
B-446e

ESPIRITO DO SECULO XIX.

1.º de Fevereiro de 1874.

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
45-5	5-7-51

378 - 20/10/45

NOTA.

Este discurso é apenas uma copia livida do que proferi; não foi tachygraphado, tambem não foi escripto; salvei apenas o arcabouço, apenas a musculatura da narração e uma e outra imagem, que ficou impressa na memoria de amigos que me ouviram.

Os movimentos que só a tribuna, concitada por um auditorio que applaude vehementemente, sabe suggerir, esses morreram com as palavras que os expressaram; a parte positiva, ossea, por assim dizer, da oração poderá ser mais ou menos reproduzida, ou melhor imitada, pois a fórma perdeu-se de todo. E' um vestigio da conferencia de 1 de Fevereiro o que restou e o que offereço ao publico.

Muita proposição avancei que devera ser escoltada por maiores demonstrações, é que tive de ser coactamente synthetico para percorrer a serie de factos classificados nos quadros, que formei para a minha exposição.

O assumpto era para volumes, a summa foi rapida em demazia, d'ahi deficiente em todo o ponto. Não devo ser julgado pelo que omitti, sinão pelo que disse; houve mutilações a bem da harmonia das crenças, por exemplo, na questão religiosa do seculo não entrei, alli era irritante.

Agradeço com toda á effusão os mais que benevolos applausos, que o illustrado auditorio me prodigalisou e que a imprensa repercutiu em seus écos sympathicos; essas manifestações assignalam alturas ás quaes não só ainda não attingi, como talvez não logre nunca alcançar; recebi-as para estímulos alentadores de redobrados esforços.

Oliveira Bello.

Ingá, 7 de Fevereiro de 1874.

Minhas senhoras, meus senhores:

Galgo tímido esta illustre tribuna das conferencias; no espaldo della vejo os louros com que coroastes os oradores provectoros, os aristocratas da palavra parlamentar; o campo está juncado de tropheos e de destroços, de um lado as bandeiras dos grandes principios tremulando ovantes no orgulho da victoria, do outro a turba ominosa dos erros recalçada nas trevas.

N'este caminho triumphal que vem fazer o passo incerto do campeador estreante? Para que me fizeram sahir á liça? Esta tribuna que foi pedestal vai transformar-se em rochedo de naufragio; mas, na hora extrema de meus transe eu pedirei um raio de luz á verdade, esse sol da palavra, para me ver morrer...

Si não é imprudente um voto desassombrado de um representante obscuro da geração mais nova, que ainda ha pouco deixou cahir a toga pretexta ás portas de uma academia para revestir-se com as insignias dos cruzados da patria, ainda bem ergo-me confiado, porque penso que assim como a sombra é tanto mais larga quanto mais alta se levanta a montanha, assim tambem a benevolencia é tanto mais ampla quanto mais chão é o caracter e mais pobre o sentimento.

Venho do meio de meus irmãos em esperanças, os moços, as palavras d'elles porque não serão ouvidas neste recinto? Trataes os interesses da patria? pois elles estremecem pela terra que abriga as cinzas de seus antepassados, que sombrêa o tecto do lar urbano de seus pais, que mandou as brizas perfumadas de suas selvas embalar-lhes o berço; trataes dos meios de debellar a ignorancia popular? mas, na bandeira que ella ha de desfraldar aos quatro ventos a instrucção publica é um dogma, e em volta da escola, como os gregos em volta do templo, se hão de congregar suas assembléas para os debates sinceros e porfiados da prosperidade patria.

Quem luta pelas melhorias do futuro é que tem esperanza na victoria, e onde quer que se falla em esperanza a mocidade responde como um éco.

Não posso ser acatado por vós senão como um moço; não exijam só fructos da arvore que campeia na estação da primavera, são os vendavaes que fazem as desfolhas, são as decepções que geram o positivismo da vida, nem é a arvore que lança de si suas flores, nem é a imaginação que murcha em si seus sonhos.

Porque somos moços não se prova que não tenhamos creditos de criterio, porque cantamos não se demonstra que não pensamos, porque o amor da terra natal é entusiasmo, é incendio não se segue que não exista, por que votamos poesias nas aras dos grandes principios quem sustenta que recuaremos de immolar a vida nos campos do heroismo?!

Senhores, assim como o oceano tem vagas, a humanidade têm evoluções, assim como os mares se sublevam nas iras da tempestade, a historia se levanta de longe em longe nas coleras revolucionarias; essas vagas e essas evoluções, essas tempestades e essas coleras não as fazem os homens que são fracos para tanto, decreta-as a Providencia fazendo surtir dos grandes principios consequencias implacaveis; pretender comprimir os movimentos historicos é insanias igual a do tyranno da Persia que lançava grilhões ao Helesponto; o que se pôde é apro-

veitar os elementos, tirar partido dos factos inflexiveis, é abrir as velas aos ventos, é dar entrada nas instituições ao espirito dos tempos.

Cada seculo tem um ideal, um ponto fixo no horizonte, um polo, um eixo de rotação em torno do qual gravita a esphera da vida; fóra da linha que esse polo magnetico assignala ha rochedos e naufragios, decadencias e revoluções:

Teve Esparta o ideal da força bruta, seu eixo era uma espada, banhava-se no sangue como no oceano da gloria; teve Athenas o ideal artistico, seu polo era a belleza esthetica, disserrando o Olympo a superioridade do espirito, fazendo um deus de cada estatua em que o genio imprimia o sello do sublime, curvando os joelhos aos pés de Aspasia porque era bella, embora impudica, abrindo alas á passagem de Epicuro porque era sabio, embora sordido; teve Roma o ideal da dominação, seu eixo era a hasta das signias do Capitolio, sua ambição era o mundo, por isso semeou as ossadas do povo heroico do Aventino como germens de sociedades futuras por todas as regiões; teve o seculo IV o ideal do maravilhoso christão, das apologias esplendidas que copiaram nos pulpitos de Alexandria, Constantinopla e Cezarea as visões do Sinai e do Tabor, Roma tripudiava nos festins dos ultimos Cesares, os barbaros afiavam as espadas nas pedras sagradas dos templos de Odin, a religião do Crucificado celebrava pela palavra de Gregorio e de Chrisostomo a alliança do Evangelho com o mundo; o ideal da Idade Média foi um elemento fixo que presidiu á reorganização politica, seu eixo foi o principio elementar da autoridade, sua aspiração foi a paz coordenada do direito; teve o XV seculo o ideal dos descobrimentos, da dilatação do cerebro da humanidade pelas sciencias, da alma pela regeneração dos costumes, da vontade pelo augmento dos recursos de seu poder, do corpo emfim por novos continentes, novos mares arrancados do seio do desconhecido pela mão potente dos grandes genios; tiveram o XVI e XVII seculos o ideal

da reabilitação do homem interior, da autonomia da consciencia, do esforço largo e franco da intelligencia para a verdade; teve o XVIII seculo o ideal da reconstituição social, o seculo XVIII que expirou como Christo nas torturas do Terror para resurgir ao terceiro dia no céu do seculo XIX como um sól da democracia.

O seculo XIX é filho de uma victima, seu pai morreu na guilhotina; o ideal que o orienta é melhorar a condição do individuo consagrando no facto politico e social a integridade dos direitos naturaes; herdeiro da Reforma e dos philosophos da era precedente, elle partiu d'onde acabaram as civilisações geradoras da sua; o homem, a personalidade fôra reivindicada para a vida e para o progresso pela razão e pela liberdade de consciencia, a autonomia do pensamento havia sido proclamada nas espheras mais elevadas, porém, mais abstracças do espirito, o seculo veio applicar o que os outros consagraram, veio traduzir para a sociedade o que os outros erigiram em principio, veio vasar o typo do homem nos moldes em que os demais fundiram o archetypo do cidadão.

E' grande, é magestoso o aspecto dos tempos, a vida jorra em borbotões por toda a parte, as sombras rasgam-se, os prejuizos dissipam-se, as ficções esvaem-se, porque assim como quando a luz assoma no horizonte as nevoas evaporam-se e se vão, assim tambem quando a consciencia humana resplende em todo o brilho por cima de um povo, os erros e as superstições fogem e se desfazem.

Ha um grito de entusiasmo que caracteriza o seculo é a liberdade; atirada essa legenda ao mundo pela erupção revolucionaria de 89, ha de ir reboando pelos tempos até que se resolva o supremo problema da consagração inteira dos direitos racionaes no seio da ordem social; hoje tudo tende a se uniformisar no regaço da liberdade, e os povos nas escolas livres querem aprender, nas igrejas livres querem orar, nas imprensas livres querem escrever, nas tribunas livres querem fallar,

nas associações livres querem trabalhar, nos comicios livres querem discutir, nos suffragios livres querem governar.

Tres factos concorreram para acentuar o impulso do seculo XIX, tres acontecimentos lhe descreveram o traçado para as evoluções successivas, tres forças se apoderaram delle ao nascer e o tem dirigido através do tempo e do espaço — a Revolução, Bonaparte e o Vapor:

Ao surgir a aurora do seculo em que vivemos um immenso estampido abalou o mundo, os monumentos vetustos das instituições estremeceram em suas bases, pelos horizontes dos povos rugiram vozes minazes de tempestade ignota, o sólo social foi sacudido pela violencia de uma causa desconhecida, era o velho mundo que baqueava com estrondo, os velhos prejuizos que davam em terra aluidos pela maior de todas as forças, a colera da justiça profanada, a sanção do direito calcado!

89 foi uma catastrophe, porém fecunda; o decalogo de principios que elle proclamou assimilou-se a alma da era que nascia, etanto é impossivel matar a idéa nos refolhos da alma, como apagar essas leis no espirito do seculo.

A revolução deu as tendencias politicas e sociaes, desencadeou esse rio caudal de democracia que Royer Collard via passar transbordando por entre as instituições reactoras da segunda restauração.

O principio de autoridade, porém, a força cohesiva do direito, havia sido destruido pela erupção violenta; as reacções são cegas quando as revoluções são excessivas; mas, quando a Providencia quer que uma lei natural, uma lei divina se cumpra, personifica a força e a arroja na historia, a força chamou-se Bonaparte: o destino desse guerreiro foi duplo, mixto de trevas e luz, de virtude e de crimes, abrir caminho para as idéas novas, arrasar as barreiras atrás das quaes se acastellavam os antigos despotismos, e reagir contra o Terror, excesso de autoridade contra excesso de licença; era mister

restaurar a ordem, sendo tão insano querer levantar um edificio sobre as ondas revoltas, como pretender consolidar uma sociedade sobre a anarchia desorganizadora.

Vêde é elle, é Napoleão, cavalga a tempestade e caminha e se precipita de Toulon aos Alpes, dos Alpes á Italia, da Italia ao Egypto, do Egypto á Ulm, de Ulm a Iena, de Iena á Eylan, de Eylan a Wagram, de Wagram a Moskow, ahi tocado pelos gelos dos polos, cabe, levanta-se, recua, rola de Moskow a Fontainebleau, de Fontainebleau a ilha d'Elba, ainda erguendo-se pelo ultimo assomo de vida despenha-se da ilha d'Elba em Frejus, de Frejus em Paris, de Paris em Waterloo, e em Waterloo toma seu corpo e o arroja no Caucaso expiatorio de Santa Helena, emquanto seu nome penetra no céu da posteridade agitando nos ares as azas de fogo do genio das batalhas.....

Napoleão representa o caracter de universalidade que caracteriza a era em que vivemos, elle promoveu, máo grado seu, essa sympathia que aproxima e enlaça os povos nas identidades historicas; de sorte que hoje, como que uma atmosphera electrica circunda as nações e apenas um principio é proclamado, um erro baqueia, um progresso se verifica em uma, logo as outras repercutem o grito desse principio, a queda desse erro, o avanço desse progresso.

Não foi só o estrondo das guerras e das convulsões politicas que inauguraram o nascimento da era contemporanea, um outro ruido celebrou-lhe a aurora, uma outra força agitou-se em torno de seu berço: a industria humana gyrava tarda e pallida na esphera dos esforços individuaes, o braço era a suprema energia, a machina esperava uma revolução, e essa penetrou rugindo, silvando, correndo, abalando o solo debaixo de si, augmentando indisivelmente o movimento, e a machina se ergueu ovante, victoriosa no circulo da industria estendendo aos povos os musculos herculeos do vapor.

O vapor é de feito uma revolução, aproximando os

povos trabalha para a fraternisação universal, augmentando a producção debella o pauperismo: elle imprimiu o caracter de positivismo que distingue o seculo, deu o impulso a esse prodigioso desenvolvimento da condição physica, sacode a lethargia dos povos que decahem, anima e fecunda o esforço dos povos que prosperam; emfim é para o mundo da industria, para a esphera material o que a liberdade é para o mundo politico, para a esphera moral, principio de força e de regeneração, de progresso e de grandeza.

Si a liberdade é a alma, o vapor é o sangue do seculo XIX.

O objectivo obrigado, a inspiração constante, o protagonista de quanto a civilisação presente tem produzido de sua intelligencia é o homem; não o homem abstracto, o ente de razão da escolastica, o problema casuistico de moral e de psychologia, mas, o homem real, positivo, a personalidade juridica, o ser social, e politico.

As velhas civilisações sonegavam o homem observando-o ou no seio das creanças religiosas, como nas theocracias da India, da Persia, do Egypto e da Judéa, ou no seio da constituição civil como na Grecia, em Roma e no antigo regimen; o cidadão era um ser facticio, composto á feição das leis, formado nos moldes das convenções; o direito não decorria da alma, não se consolidava na razão, o titulo de cidade era uma dadiwa, um privilegio, o privilegio induz favor, não diz obrigação.

O seculo XIX veio por assim dizer individualisar a humanidade, solver o amalgama da sociedade antiga para separar os atomos vivos que ella fundia bruscamente e fixar que a sociabilidade legitima não é a accumulção de pessoas, sinão a harmonia das espheras individuaes dentro da grande esphera geral, que o plano politico é identico ao plano cosmogonico, que assim como cada astro, cada corpo, cada creatura gravita no circulo de sua lei e no seio da immensa assonancia do universo, assim tambem cada homem move-se na esphera de sua individualidade no seio da ordem social.

A litteratura do seculo é positivista; as éras das abstracções passaram; a intelligencia já se não inspira ou pouco nas brumas fallazes da imaginação sonhadora, nas visões nebulosas da mythologia poetica, a realidade resumbrá de toda a parte, nos idealismos mesmos ha um cunho manifesto de realismo; as epopéas, que crystallisaram em suas pyramides gigantescas todo o espirito dos cyclos historicos que celebraram, difficilmente se ergueram na torrente dos acontecimentos; os assumptos grandilocos, as inspirações deslumbradoras se vão apagando do horizonte moral, como meteoros que descreveram suas parabolás e se extinguem, pois o que a litteratura canta hoje, o protagonista que exalta é o homem como é e como deve ser.

O romance é a expressão litteraria do seculo XIX e o romance ou é a historia dos factos concretos scintillando debaixo da irradiação do prisma do estylo, ou é o prospecto da morigeração dos costumes da melhoria do coracção e da alma, do sentimento e da idéa.

O romance é a democracia na litteratura, o que elle descreve cada um sente, testemunhou ou comprehende, o que narra está inscripto na elipse da vida domestica, é um espelho em cuja superficie se reflecte a sociedade nas individualidades que a compoem; o escravo, o paria, o servo da gleba, o plebeo, o proletario fizeram entrada magestosa nas regiões augustas do pensamento, os que reputavam indignos da intelligencia aristocratica o romance exalçou á altura da poesia, á altura do sublime! Magestosa vingança, vestir com os raios da luz do espirito os maltrapilhos, que a velha sociedade cobria de desdem! assentar no banquete divino das letras os que tinham fome de direitos, sede de justiça e de dignidade!

A seita *romantica* se vai licenciando dia por dia; n'um campo de batalha deserta quem dorme, atraicção quem sonha, e o seculo nasceu batalha e prosegue combate; V. Hugo a mais grandiosa expressão litteraria moderna é o genio da democracia, elle não celebra o heroismo das guerras, não escreve com o sangue dos povos os

poemas de sua inspiração, não pede aos ventos convulsos dos campos sangrentos vibrações para as cordas de sua lyra, canta o duelo do direito com a violencia, do homem com a desdita, da historia com o despota, da fome que devora as entranhas de João Valgean com o egoismo que petrifica a alma de uma sociedade enervada!

Gutemberg disse um dia ao pensamento humano postergado, morto quasi ao cabo da idade média—eu te vingarei, farei sahir debaixo da terra uma legião fulminante que te levará á victoria—, e pouco depois, o louco! mostrava na palma de sua mão um punhado de granizo diminutissimo, umas esquirolas de madeira e bradava—eis-aqui a legião da intelligencia universal!— o mundo escarneceu do doido; mas, pouco depois recuou de espanto vendo que esse granizo creava vida, se arregimentava, marchava, investia, tomateu, combate e combaterá; era a imprensa, essa phalange de pygmeos de uma causa gigante!

Pois bem, a imprensa operando pelo livro não era bastante rapida para conduzir e derramar o tropel de idéas do seculo, então o genio da democracia inventou o jornal, o telegrapho electrico do pensamento para inundar o espirito dos povos com as enchentes da intelligencia.

O jornal, esse poder herculeo, ineluctavel, que representa no mundo moral o que o vapor figura no mundo das forças physicas é o mais poderoso instrumento do instincto dos tempos, essa irradiação de luz por todas as camadas sociaes confunde os homens na fecunda communhão da consciencia e do direito.

Cada civilisação tem um ideal artistico: na Grecia foi a belleza plastica e Phidias, Zeuxis, Appelles e Scopas contornaram maravilhas na rudeza do marmore e imprimiram milagres na pallidez das telas, em Roma foi o orgulho da grandeza patria e as arenas, as columnas, os colyseos, os arcsos triumphaes cobriram o solo do povo conquistador; na média idade foi o mysticismo christão e a multidão de artistas, que a historia envolveu em

suas sombras, levantou aos céos, como hymnos sacros petrificadas, as torres das cathedraes de Strasbourg, Cologne, Reims, Chartres e Abbeville; na Renascença foi o ideal pagão acrysolado no ideal evangelico e Brunelleschi, Leonardo de Vinci, Raphael e Buonarroti quasi concretisaram o bello absoluto nas creações inimitaveis do genio.

O ideal artistico do seculo XIX é a utilidade; hoje o mundo bate palmas quando uma nova linha ferrea atravessa as sociedades e aproxima os povos, quando um novo fio telegraphico rompe o espaço e familiarisa as nações, quando a engenharia abre com os braços gigantescos das grandes machinas um caminho no isthmo de Suez, uma passagem no monte Cenis.

Seculo positivista, como que correu as cortinas á officina da arte, emquanto que, seculo omnipotente, obrigou o sol a fazer-se artista, a desenhar o modelo soberano da época, o homem!

A Grecia, consoante a indole dos tempos, convocava as multidões ruidosas de seus filhos para as justas do espirito, da belleza e da força e offerecia ao ideal da civilisação os tributos de sua intelligencia e de seu genio; hoje o seculo congrega tambem os povos, mas, para os concursos da industria, para os certamens do engenho humano; e assim como os hellenos fraternisavam nas arquibancadas dos jogos olympicos, as nações se abraçam nas galerias das exposições universaes.

As portas desses palacios da industria estão abertas a todos os povos, franqueadas a todos os individuos; não ha distincções, não ha proscriptos, os aristocratas do capital concorrem com os plebeos do trabalho, o milhão faz pareo com o obolo, os artefactos de ouro da Asia emparelham com as especies gigantesas da flora americana, o objecto que custou um rio de prata ao Creso caprichoso aceita o desafio que lhe arroja o producto que custou um anno de suor ao miseravel escravo, e o genio da democracia profere as sentenças, abate a fronte altaneira do capital aos pés do trabalho, do milhão aos

pés do obolo vilão, despe das insignias ostentosas o capricho de ouro do nababo porque é improductivo e condecora com a medalha de honra o producto do negro porque é util.

Como a esthetica foi a sciencia predilecta dos gregos, a politica dos romanos, a theologia da idade média, a philosophia da idade moderna, a economia politica é a sciencia caracteristica do seculo XIX.

Positivista como as necessidades que se propõe satisfazer, positivista qual a industria, qual o commercio, qual a sociedade, qual a fome ella embarcou na torrente dos tempos e desenvolvida em um ambiente de realismo e de liberdade, concreta e popular revestiu aos olhos de muitos a crosta rude do materialismo e a physionomia retrahida do egoismo individualista.

Nascida aos pés dos thronos despoticos das velhas sociedades, foi um calculo leonino do carrasco traçado com o cabo do cutello na tela sombria do servilismo e miseria dos povos; nasceu expediente de tyrannia, arma de vexação, e os antigos costumavam dizer que os financeiros sustentavam o Estado como a corda sustenta o enforcado.

Nasceu maldita; mas, levantada da esphera chan e brutal do empirismo para as regiões augustas das sciencias sociaes, desdobrou seus titulos no XVIII seculo nas mãos de Turgot, Quesnay e dos *physiocrates* para vir fazer delles bandeiras de esplendidos triumphos no seculo XIX.

O trabalho e o credito são a democracia na economia politica; no cenaculo da riqueza antiga só tinha entrada a industria agricola, o trabalho servia o banquete opiparo das terras como o eunuco imbecil, as migalhas que lhe restavam do banquete não representavam salario, sinão esmola da piedade aristocrata; a seiva que nutria a arvore, que levantava e amadurecia as cearas, se proclamava a soberana nas regiões economicas, emquanto que a idéa, a seiva eterna do pensamento humano, curvava a fronte ao stigma de uma calumnia, ao apodo de improducibilidade!

Mas, veio um dia, e o trabalho, o eunucho imbecil, convencido da evidencia de seus titulos, quebrou o jugo e se assentou ao lado do tyranno na mesa do banquete; pouco depois a intelligencia penetrou e fixando-se na aboboda do edificio bradou—eu sou o sol do mundo moral, ao sol o throno do espaço, ao pensamento humano a realza em todas as espheras! —

E á percussão dessa luz fecunda os phantasmas dos mesquinhos prejuizos empiricos fugiram espavoridos, os horizontes da sciencia alargaram-se, seus principios racionais surgiram do chaos, como constellações de estrellas.

A economia politica é um elemento da civilização moderna, um agente da confraternização dos povos, a esperança do pauperismo, o impulsor da prosperidade nacional e do bem estar dos individuos, um principio de ordem porque fomenta a riqueza e assim como a propriedade pacifica, porque falla ao instincto de conservação, a miseria concita porque brada ao instincto de necessidade.

A economia politica esposou a causa do povo, sahiu para a praça, deu a mão ao commercio e á industria, tornou-se arte domestica, familiarisou-se com o individuo.

O governo absoluto do capital foi modificado no governo democratico pela industria; hoje quando se sustenta que a nação é a fonte de todos os poderes, se affirma que o trabalho é a origem de toda a producção; não ha cidadão activo sem direitos civis e politicos, não ha trabalho racional improductivo.

Hoje quando o plutocrata da praça, olhando para seus cofres replectos de ouro, diz—eu sou capitalista—, o miseravel operario, mostrando os braços cheios de força, redargue com justiça — eu tambem sou!

Bemdito o seculo que proclamou que o trabalho nobilita, que a inercia avilta; uma existencia sem trabalho é a gleba de uma vegetação ignobil; uma cabeça que não pensa, um braço que não se applica atraçãoam ao

Deus que os investiu de um mandato, e á humanidade que lhes assignou um posto de honra na batalha da vida.

Abramos a historia; a historia do XIX seculo é a energica e grandiosa evolução de um pensamento politico através do tempo e do espaço.

Nenhum povo se reconstitue, nenhuma constituição se remodela, nenhum estado de direitos se corrige sem que o espirito da época inspire a reforma; a humanidade caminha, o genio democratico a dirige, pois, assim como quando o sol brilha no horizonte todos os corpos da superficie da terra se ostentam luminosos, assim tambem quando um principio domina uma civilização, todos os factos da actividade humana reflectem suas côres affectam suas fórmas

Depois de 89 e 93, quando a tempestade soprada pela Constituinte e pela Convenção se espalhou pelo mundo as vetustas sociedades despertaram como os dormentes de Epheso ao estrondo de um mundo que baqueava, então debateram-se para escorar os carcomidos castellos de seus governos, que por todas as juncturas estalavam desabando, desfraldaram aos ares os labaros da athonomia nacional, cingiram suas fronteiras com os muros de ferro de suas hostes, declaram a guerra á revolução pela vez atroadora dos canhões, mas, em vão! os labaros já não sublevavam as montanhas, os rios, as florestas contra os inimigos da patria, fugira delles o espirito da justiça, que é o espirito de Deus, as baionetas se inclinaram vencidas, pois nada podiam contra a alma e era a alma da era nova que se vinha infundir nos corpos quebrantados das nacionalidades agonisantes, o fumo dos canhões toldava no horizonte estreito de um campo de batalha, mas não podia offuscar o sol da democracia affixado no céu da humanidade.

Começou na America o movimento, havia muita energia de vida debaixo do jugo que pesava na cerviz indomita do Novo Continente; á cada combate que Napoleão perdia ou ganhava na Hespanha respondia um

grito de independencia áquem do mar, surgiram então do chaos social essas nacionalidades que se encostam aos granitos enormes dos Andes enquanto olham o oceano, que os primeiros conquistadores denominaram *Pacífico* como que prophetisando que após seculos de lutas desorganizadoras raiaria a era de *paz* e progresso cimentada na instituição definitiva da liberdade.

A Allemanha onde subsistiam os ultimos mas patentes vestigios de feudalismo, em vão se precipitou nas fronteiras do Rheno, a mocidade essa sonhadora incorrigivel, que enquanto a geração militante combate na planicie, sobe á montanha e busca vislumbrar lá de cima a nuvem que denuncia a tormenta ou o reflexo purpurino que prediz a aurora, a mocidade da Burchenschaft correu ao apello, salvou a patria, mas exigiu por salario do sangue vertido nos campos a consagração leal das conquistas revolucionarias nos velhos codigos germanicos.

A Hespanha inaugurou-se no seculo com a constituição de 1812, Fernando VII calcou-a aos pés, porém Queiroga, Riego, Corogne e Mina desfraldaram a bandeira democratica aos ventos dessa nobre terra das luctas epicas e dos martyrios gigantescos, bandeira que espedaçada por mil convulsões devia vir levantar-se em nossos dias na cratera desse vulcão de eloquencia liberal, a tribuna onde acordou um povo e onde falla Emilio Castelar.

Em Napoles o regimento de Nola e a guarnição de Avelino coagiram Fernando I a aceitar a constituição hespanhola: no Piemonte Victor Manoel I foguei, abdicou, lançou a corôa na frente de Carlos Felix, o governo ao pensamento liberal do principe de Carignan, e o povo ao influxo das idéas de 89.

A Polonia arrancou das mãos de Alexandre a carta de 1815: a Grecia alçou o grito da guerra santa, levantou a lança espartana e a espada de Transybol e rasgou seus horizontes sociaes a irradiação do sol da autonomia politica que desde 1453 o crescente turco envolvia nas sombras de escravidão ignominiosa.

Portugal teve tambem essas noites immortaes de 23 e 24 de Agosto, noites que foram dias de regeneração, noites que esclareceram o futuro sombrio desse povo porque nellas luziu o mais luminoso dos soés, a liberdade constitucional.

As reacções não se fizeram esperar muito; a victoria dos grandes principios não se opéra sem lutas e contrariedades porfiadas, porque a mais implacavel das progressões é a da corrupção dos povos, quando começa continúa, quando a debellam resiste, quando a corrigem se verifica que o triumpho custou caro ao vencedor.

A Restauração desdobrou suas bandeiras-sudarios sobre a França, o passado não estava morto, agonisava e queria viver, ergueram-no de pé, infundiram-lhe nas veias o filtro cordial do pensamento moderno como no cadaver se inoculam as substancias chimicas para o embalsamamento; e elle agitou-se de feito, não que lhe voltasse a vida, mas porque lhe irritaram a paz tremenda dos ultimos instantes.

Na Allemanha o congresso de Carlsbad procurou deter o passo temerario da democracia; na Polonia o rei da Russia apagou com a violencia a aurora bella e fugaz de autonomia que ateára no horizonte enlutado da patria de Kosciuszko: tres potencias juraram em Troppau estrangular a revolução onde quér que campeasse alentando as nacionalidades, e nas duas Sicilias e no Piemonte as constituições liberaes foram despedaçadas pelas baionetas da invasão austriaca.

Na Hespanha Luiz XVIII tentou desfazer a obra de regeneração de que Bonaparte foi o instrumento inconsciente; a intervenção de 1823 quiz debellar a revolução de 1820.

Depois que o vulcão se aquietou vieram os incautos e construíram em torno da cratera um antemural ás torrentes das lavas, não se lembrando que a erupção podia vir de novo e que esses obstaculos ridiculos offereriam victimas de um commettimento insano, porém nunca ergueriam baluartes de uma resistencia victoriosa.

grito de independência á quem do mar, surgiram então do chaos social essas nacionalidades que se encostam aos granitos enormes dos Andes enquanto olham o oceano, que os primeiros conquistadores denominaram *Pacífico* como que prophetizando que após seculos de lutas desorganizadoras raiaria a era de *paz* e progresso cimentada na instituição definitiva da liberdade.

A Allemanha onde subsistiam os ultimos mas patentes vestigios de feudalismo, em vão se precipitou nas fronteiras do Reno, a mocidade essa sonhadora incorrigivel, que enquanto a geração militante combate na planicie, sobe á montanha e busca vislumbra lá de cima a nuvem que prenuncia a tormenta ou o reflexo purpurino que prediz a aurora, a mocidade da Burchenschaft correu ao apello, salvou a patria, mas exigiu por salario do sangue vertido nos campos a consagração leal das conquistas revolucionarias nos velhos codigos germanicos.

A Hespanha inaugurou-se no seculo com a constituição de 1812, Fernando VII calcou-a aos pés, porém Queiroga, Riego, Corogne e Mina desfraldaram a bandeira democratica aos ventos dessa nobre terra das luctas epicas e dos martyrios gigantescos, bandeira que espedaçada por mil convulsões devia vir levantar-se em nossos dias na cratera desse vulcão de eloquencia liberal, a tribuna onde acordou um povo e onde falla Emilio Castelar.

Em Napoles o regimento de Nola e a guarnição de Avelino coagiram Fernando I a aceitar a constituição hespanhola: no Piemonte Victor Manoel I foguei, abdicou, lançou a corôa na frente de Carlos Felix, o governo ao pensamento liberal do príncipe de Carignan, e o povo ao influxo das idéas de 89.

A Polonia arrancou das mãos de Alexandre a carta de 1815: a Grecia alçou o grito da guerra santa, levantou a lança espartana e a espada de Transybolos e rasgou seus horizontes sociaes a irradiação do sol da autonomia politica que desde 1453 o crescente turco envolvia nas sombras de escravidão ignominiosa.

Portugal teve tambem essas noites immortaes de 23 e 24 de Agosto, noites que foram dias de regeneração, noites que esclareceram o futuro sombrio desse povo porque nellas luziu o mais luminoso dos sóes, a liberdade constitucional.

As reacções não se fizeram esperar muito; a victoria dos grandes principios não se opéra sem lutas e contrariedades porfiadas, porque a mais implacavel das progressões é a da corrupção dos povos, quando começa continúa, quando a debellam resiste, quando a corrigem se verifica que o triumpho custou caro ao vencedor.

A Restauração desdobrou suas bandeiras-sudarios sobre a França, o passado não estava morto, agonisava e queria viver, ergueram-no de pé, infundiram-lhe nas veias o filtro cordial do pensamento moderno como no cadaver se inoculam as substancias chemicas para o embalsamamento; e elle agitou-se de feito, não que lhe voltasse a vida, mas porque lhe irritaram a paz tremenda dos ultimos instantes.

Na Allemanha o congresso de Carlsbad procurou deter o passo temerario da democracia; na Polonia o rei da Russia apagou com a violencia a aurora bella e fugaz de autonomia que ateára no horizonte enlutado da patria de Kosciuszko: tres potencias juraram em Troppau estrangular a revolução onde quer que campeasse alentando as nacionalidades, e nas duas Sicilias e no Piemonte as constituições liberaes foram despedaçadas pelas baionetas da invasão austriaca.

Na Hespanha Luiz XVIII tentou desfazer a obra de regeneração de que Bonaparte foi o instrumento inconsciente; a intervenção de 1823 quiz debellar a revolução de 1820.

Depois que o vulcão se aquietou vieram os incautos e construíram em torno da cratera um antemural ás torrentes das lavas, não se lembrando que a erupção podia vir de novo e que esses obstaculos ridiculos offereceriam victimas de um commettimento insano, porém nunca ergueriam baluartes de uma resistencia victoriosa.

Uma idéa que Deus faz cahir sobre o mundo vem de mais alto do que um rochedo que rolasse das nuvens; si este esmagaria a mão que o procurasse suster, aquella pulverisaria o esforço que apprehendesse comprimil-a.

Quando a compressão tocava o auge, quando as conquistas do grande movimento liberal eram reivindicadas em nome da tradição e da posse velha pelo genio da morte quando a Santa Alliança conseguia já architectar com as ruinas das antigas e derruidas edificações sociaes os governos modernos, ouviu-se um estrondo em França, o archanjo tremendo do direito penetrou na scena dos povos e rolou entre o passado despotico e as nações rejuvenescidas a barreira ingente de uma evolução popular.

A cratera reabriu-se, o espirito do seculo avançou um passo, ergueu um marco e nelle traçou a data 1830.

A Belgica proclamou-se independente, rompeu o elo que a prendia á Hollanda e alçou esse estandarte de liberdade constitucional e de instituições representativas, que os governos seguem, como os hebreos acompanhavam a nuvem de fogo do deserto.

Na Suissa, de cada grota abrolhou uma idéa liberal, de cada cantão uma constituição democratica.

A Allemanha sacudiu de seus thronos a reacção coroada: o Duque de Brunswick, o rei de Saxe, o eleitor de Hesse fugiram espavoridos diante da estrella mysteriosa que apontava d'além do Rheno, e como cerrassem os olhos para não vel-a, o povo aproveitou o ensejo de turbacão para inocular no velho tronco das leis teutonicas os germens das novas idéas.

Na Italia Gregorio XVI foi ao encontro da revolução, que batia ás portas de Roma, como os barbaros do V seculo, e fulminou-a... mas, quando ella cahia, semelhante ao Graccho na imagem de Mirabeau, arrojou seu espirito aos ventos, delle sahiu Mazini, o pensamento personificado da peninsula unitaria.

A Inglaterra que parecia garantida por suas costas fragosas e por seus costumes politicos imperturbaveis, a Inglaterra estremeceu em suas bases graniticas, uma

tafada da tempestade elevou ao poder Grey, Russell Brougham, o feudalismo politico baqueou, o *bill da refor* ma fez do parlamento a genuina representação do povo; a velha aristocracia normanda viu mais alguns dos flôres de seus brasões avoengos arrancados pelos descendentes audaciosos dos vencidos de Hastings.

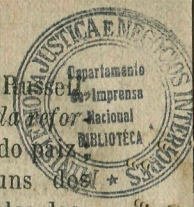
A Hespanha depois das lutas que celebraram os funeraes de Fernando VII, depois do duello de D. Carlos e D. Maria Christina, que ensopou de sangue esse solo, que mais sangue tem bebido nas guerras do que aguas nas chuvas dos invernos, o genio da democracia tomou a espada de Narvaez e abriu caminho até o throno para Isabel II, que atravessou a multidão, que a applaudia em assomos de entusiasmo, com as perolas do sorrir de innocencia á lhe cahirem dos labios infantis....

Senhores, si Lamartine qualificou o movimento de 48 de revolução do desdem, creio que a historia denominará um dia o ultimo movimento da Hespanha abatendo Isabel II, de *revolução do pudor*; na ponte de Alcolea vingou-se a honestidade de um povo!..

Esse seculo em que vivemos se afigura a meu espirito semelhante na ordem dos tempos ás cordilheiras dos Andes na ordem physica, grande, gigantesco, magestoso, coroado de luz, e o que é mais, assim como as cordilheiras abrem de longe em longe as fauces de um vulcão e sacodem o solo nas convulsões plutonicas, assim tambem o seculo tem em si nacionalidades vulcanicas que á espaços abalam o mundo com as tempestades revolucionarias.

A França é uma dessas, quando a civilisação quer dar um passo atravessa para ir ao encontro dos povos a liça que a França humedece com seu sangue.

A revolução de 1848 percorreu a face da Europa como um sopro de vida, da vida energica da liberdade, foi um vivo impulso no sentido da democracia: Fernando II cedeu ao grito imponente da Sicilia e deu uma constituição liberal aos napolitanos; o duque da Toscana capitulou com o seculo e deixou que o pensamento demo-



cratico se assentasse na mesa de seus conselhos; Carlos Alberto viu a onda politica, que se precipitava sanhuda, irresistivel do alto dos Alpes invadir o Piemonte e abriu para ella, a avalanche revolucionaria, as portas do santuario das leis; Pio IX do alto do solio de S. Pedro levantou a cruz com uma das mãos, e a bandeira, que se baptizára com a luz fecunda dos dias de Fevereiro, com a outra e em nome de Christo abençoou a liberdade e a democracia!...

A Allemanha condensou nas assembleas constituintes a soberania do povo; o espirito democratico aggreuiu os thronos em que reinava o passado compressor e Guilherme da Prussia e Fernando d'Austria renderam-se ao movimento geral, este ultimo viu a mocidade de Vienna arrancar-lhe o velho Metternick dos braços, porque era o pensamento vivo do despotismo, e o povo do Imperio arrebatou-lhe a corôa magestática da frente, porque era o diadema ominoso da reacção.

Que quereis? os acontecimentos caminham, a lei dos tempos os afeiçôa, os homens trabalham no plano do seculo em que vivem; é mais facil afastar o sol de seu curso do que a civilisação contemporanea da democracia!

A Asia, a terra mãe das civilisações, o berço dos povos, era um continente paralytico, contemplando a consciencia humana propunha o dilemma—ou o progresso é mentira, ou esses povos são cadáveres—; mas, a actividade inquieta, invasora, irresistivel do occidente transbordou sobre o oriente, pela estrada, que Vasco da Gama sulcou nas ondas virgens do oceano, precipitou-se a Europa levando consigo a bandeira e as insignias do seculo, e a velha Asia se soergueu do leito que figurava um tumulo, acordou do somno que se assemelhava á morte, tomou com suas mãos tremulas as bandeiras e hasteou-as no alto do Hymalaia, do Caucaso e das muralhas da China, tomou as insignias e prendeu-as ao peito que mal sublevava o halito da vida, e agora eil-a ensaiando os passos ainda vacillantes nas fileiras illustres da legião do progresso.

Os sellos de seus livros sagrados foram quebrados, apensaram-se paginas em branco nas quaes o futuro irá traçando toda essa epopéa da vida moderna desde a *declaração dos direitos* até as ultimas conquistas do espirito fraternal e democratico.

Ainda um facto: Napoleão III resolveu em má hora restaurar os thronos de Montezuma e Guatimosin no solo vulcanizado do Mexico; Lorencez, Forey, Bazaine desembainharam as espadas á frente dos veteranos da Italia e da Russia, Puebla rendeu-se, o Mexico curvou o joelho, Maximiliano assentou-se sobre as ruinas de um povo conquistado á sombra do pavilhão de Sebastopol; mas, sendo mais facil fazer voltar um rio para suas fontes do que coagir um povo a recuar no caminho da liberdade, Juarez sahio das matas, a autonomia nacional surgiu debaixo da terra, o espirito de Santa Anna desdobrou as bandeiras luminosas de 1810 e o archiduque d'Austria cahiu fulminado pela maior de todas as forças, pelo mais irresistivel de todos os raios, a logica de um principio implacavel, a sancção soberana da democracia.

Para que alongar-me mais? para que fallar-vos da França depois de Sedan, da Hespanha depois de Alcala? São factos contemporaneos, nelles verificam-se as leis historicas; silencio em torno dos povos que se reconstituem! os segredos de todas as gestações são inviolaveis! a civilisação está com elles, e a civilisação é como a espartana antiga, quando os filhos nascem monstros esmaga-os nos rochedos do Taygetes!

Em 1822 quando a liberdade esvoaçava por toda a parte passou tambem por cima do vasto Imperio de Santa Cruz, um grito de independencia fez-se ouvir no seio da America entoando um hymno no côro dos povos livres, e o Brazil, nossa terra, nossa patria querida, insculpiu nos granitos enormes de suas montanhas os titulos de uma grandiosa autonomia nacional, e na primeira pagina em branco de suas leis, no art. 12 da Constituição, lavrou este inequivoco testemunho á democracia— todos os poderes são delegações da nação—.

Ainda bem! eu estou em terreno sagrado! a minha these é constitucional, o povo tem um argumento na Lei Mãe, um sectario no espirito do legislador! Como esse philosopho da antiguidade que respondia ao sophista que negava o movimento, andando, aos que negarem a democracia redarguirei, abrindo o livro da Constituição.

Eu sou do parecer do fundador deste Imperio, os que contestarem a democracia a quem seguirão!?

Mas, diz-se, a civilisação que domina os povos é o materialismo da industria, o vapor é a alma do filho da revolução, a machina é o throno da realza que impera, o negocio é o rei deste throno, o calculo é o genio deste rei, o egoismo é o espirito deste calculo; foi tempo em que se morria por uma idéa no circo das feras, nas fogueiras das inquisições, nos cadafalsos dos despotismos, nas jaulas dos alienados ou nas solidões do exilio; a primeira vibração do telegrapho annunciou ao mundo a morte das musas, e as aves de fogo da imaginação se envolvem e se sepultam nos novelos de fumo que a estrada de ferro desdobra nos ares!

E será assim? no duello fatidico em que se batem a liberdade com a fatalidade, o corpo com a alma, o corpo com suas tendencias egoistas triumphará a final da alma com seus instinctos sympathicos?! Toda essa expansão da vida moderna, toda essa pompa de progresso será o leito de ouro em que agonisa a intelligencia da humanidade?!

Não intriguem o seculo com o absurdo; não declamem o obito mendaz da litteratura no panegyrico hyperbolico da industria! Maldito seria o progresso si elle houvesse de esmagar sob as rodas do seu carro, como Tullia a parricida, o corpo de seu pai, o espirito humano!

Positivista sim, materialista é que não! o seculo não immolou a alma no balcão do negocio ou aos pés da machina; positivista, porque é serio e fecundo; positivista como o operario que se inclina sobre a mesa do trabalho, o que não tolhe que nos lazeres erga os olhos e contemple o céu illuminado pela fé, erga o espirito e

contemple o horizonte do pensamento dourado pelo idéal.

Positivista sim, mas como a America do Norte: alli está a officina da industria moderna, alli os cyclones do trabalho abriram suas tendas, procurai ver qual o principio da enorme força motriz que aviventa e precipita esse povo, é um só, mais forte que o vapor, mais rapido que a electricidade, um só, o musculo das maravilhas historicas, é a liberdade.

E esse povo leu um dia um romance em que a alma de uma senhora se derramava em perolas de sentimentalismo, leu-o e pelas faces tostadas dos yankee rorejaram os prantos da santa piedade da justiça, leu-o e por cinco annos, por cinco longos annos esses prantos se converteram em mares de sangue em que o povo da industria porém antes de tudo o povo da liberdade afogou o maior crime do maior dos crimiñosos, a escravidão, delicto eterno do despotismo!

Positivista assim!

Bemdicto positivismo que é o artista do progresso moral e material dos tempos!

Fortificar o corpo é alentar o espirito, os seculos que precederam ao que corre curaram da alma, mas, esqueceram o organismo que a envolve e a habilita para as funcções energicas da vida, a civilisação contemporanea veio corrigir o deleixo das que passaram, seu intuito, o mandato historico que desempenha é a organização, politica, a coordenação das personalidades humanas dentro da esphera social; Montesquieu, Rousseau, Voltaire, Diderot, a Constituinte, a Convenção proclamaram o direito natural politico nas regiões das theorias, o seculo XIX quer tornar effectivo esse direito; positivista como o soldado que se bate e como o operario que cimenta!

Tambem não é anarchista, não repelle o principio da autoridade, não rasga com as cem garras da insurreição os symbolos do poder; a democracia não é a decomposição social, a tempestade organizada, a democracia é a ordem, a ordem viva, legitima, progressiva, é a ordem pre-

sidida pelos direitos inconcussos da consciencia social; o que o seculo quer é saber de onde vêm os governos e para onde vão, nega que a força tenha jus de sancionar leis arbitrarias, o que elle não quer são hypotheses aceitaveis porque são impostas, logicas porque são absurdas; não quer ficções gratuitas, porque ficções são sombras, e as sombras escurecem não elucidam, e o governo é o que dirige e resolve e não o que desvaira e confunde.

Eil-o ahi o seculo, rude lidador de grandes bandeiras, ardente apostolo de luminosos evangelhos! eil-o ahi; sua data passará á mais remota posteridade porque elle gravita impellido por enormes principios e immensa tem de ser a projecção de seu gyro no tempo—no mundo physico pela maior força a do vapor, no mundo moral pela maior energia a da sympathia, no mundo intellectual pela maior lei a da instrucção, no mundo politico pela maior aspiração a da democracia.

E nossa patria o que é? ó que representa no meio da civilisação em que vive? Oh! eu não devo e não posso ser pessimista em face da terra em que se embalou meu berço!

Querer dar arrhas de patriotismo maldizendo da patria é pretender afagar sua mãe molestando-a!

Eu amo estremecidamente a gleba em que repousam as cinzas de meus avós e em que cravam os modestos esteios o lar de meus pais; mas, a devoção de minha alma não tolhe a luz de minha razão; o preito do servilismo é uma injuria ao merecimento; é a convicção que honra a causa que defende, o fanatismo avilta as bandeiras sobre que se ajoelha.

Eu hei de servir o meu paiz com inteiro desassombramento de minha palavra; quando elle se precipitar não direi que deslisa, quando se abeirar do abysmo não direi que toca o porto de salvamento; porque a mentira em face da patria é como a hypocrisia em frente do altar, um sacrilegio.

Por Deus! não agorentem a vitalidade enorme desta

terra apertando-a nos moldes de imitações suffocadoras! Não tolham o vôo a essa aguia envolvendo-lhe as azas nas tês de filigranas estrangeiras!

E' vergonhoso rojar pela estrada que o passo trepidante do velho mundo vai assignalando para a morte, pois as civilisações passam e os povos se extinguem com ellas!

Sejamos americanos, ah! muito americanos! que a Europa é da velhice e do passado e a America da mocidade e do futuro!

Sejamos americanos, muito americanos! que este continente que Colombo descobriu a liberdade e o genio da grandeza social adoptaram por filho!

Sejamos americanos! como é grande e magestosa a natureza que nos cerca para ser impio e imbecil buscar estreital-a nas vestes maltrapilhas desse continente velho, que é um velho incontinente!

Vêde, esses rios gigantescos que rebramiram seus hymnos de guerra por seculos e seculos nas solidões do deserto, e que sublevando o grito de suas vagas oceanicas por cima do borborinho dos costumes europêos, que vegetam ás suas margens, parecem querer significar quão alta, quão grandiosa ha de ser a civilisação do futuro, assentando a base de sua pyramide no solo de maior fertilidade e mergulhando o apice no céu de maior luz de todos os povos!

Vêde, esse clima tropical, resto do fogo primitivo que gerou a maravilha geographica da America e que Deus conservou no meic das producções de seu primeiro trabalho e constante collaboração, como o artista que zela e aviva o fogo da officina emquanto espera que derramem nos moldes da concepção divina o bronze de uma nacionalidade varonil para a estatua de um povo livre!

Vêde essas montanhas que sobem, sobem como hyperboles de granito, altas, altas como Titães petrificados no arrojio de levar de escalada os alcaceres do Rei do universo, e emquanto em outros paizes, a atmosphera que

asserranias invadem lançam sobre seus cumes camadas de neves eternas convertendo-as em columnas de gelo, isto é, da morte, em nossa terra as nuvens rasgam-se, as nevoas somem-se, o dia dardeja, passa, explende e nossas montanhas coroadas de luz são pedestaes do sol, isto é, da vida!

Sejamos americanos! abracemo-nos debaixo de uma só bandeira, a do interesse legitimo do paiz! confundamo-nos em um só partido, o da dedicação á patria...

Patria! sim, mãe santa e fecunda, caminha tua peregrinação para o futuro, que te sorri através da nuvem de poeira em que se envolve a geração presente de combate e de fraquezas! Patria, complexo sublime de todas as affeições que fazem palpitar a vida, saudade, amor e esperança, passado, presente e porvir, lembrança luctuosa de nossos pais que se finaram, sentimento feliz da familia que nos cerca, aspiração accesa pelo idéal da felicidade!

Patria, atéa a luz de tua gloria em nossas dedicações! accumula nossas individualidades amalgamadas por pedras de teu pedestal! corta, lavra, ajusta, compõe com o destino, com o sangue e o corpo de teus filhos o edificio de tua grandeza! enfeixa nossas vontades livres na haste de tua bandeira! nós arrastaremos a cruz pela estrada do martyrio, nós libaremos o fêl das provações, nós galgaremos o calvario e mortos... tu te erguerás ao terceiro dia no esplendor infinito de uma transfiguração immortal!

E quando te levantares na columna de tua força, quando esplendeceres no horizonte americano como um sol de progresso e civilização, patria! sentirás que os restos de teus filhos estremeceem debaixo das lousas, porque a suprema ventura terá raiado para elles no céu de teu triumpho.